

Dossier - Iraque

A Jordânia e a segunda Guerra do Golfo

Hassan A. Barari

Israel, Turquia e Jordânia têm posições distintas face ao conflito iraquiano, fruto da situação interna específica de cada um destes países. As diferenças, no entanto, não levam a um alheamento em relação à guerra, que tem nítidas consequências regionais.

A esmagadora maioria, de acordo com uma sondagem do Center for Strategic Studies (CSS) da Universidade da Jordânia, está convencida de que a guerra contra o Iraque foi pensada para servir os interesses petrolíferos americanos na região e para garantir a segurança de Israel. Sem surpresas, existe quase uma identificação entre diferentes forças políticas e o governo jordano sobre a necessidade de evitar esta guerra sangrenta na região. Mas, também existe a consciência das limitações da actuação jordana, pelo que o governo não tem sido questionado sobre a sua gestão do conflito.

Não conseguindo evitar a guerra, a Jordânia tem estado muito activa a tentar pôr-lhe fim, de forma a minimizar as consequências para o país. É conhecido que o Iraque é o principal parceiro comercial da Jordânia, que recebe petróleo iraquiano a preço de custo, e muitas empresas jordanas foram criadas para exportar para o Iraque. Com a guerra, certamente haverá consequências e a Jordânia irá, provavelmente, perder tudo isto de uma assentada.

A Jordânia procurou receber uma garantia por parte da Administração americana de que, em caso de guerra, Sharon não exploraria a situação de forma a avançar com o seu ataque aos palestinianos, forçando qualquer tipo de deslocação forçada de palestinianos para território jordano. Segundo muitos funcionários jordanos, a Jordânia conseguiu extrair esta garantia dos Estados Unidos. Para evitar tal pesadelo, a Jordânia cedeu ao pedido de instalação de anti-mísseis Patriot, com a justificação de que qualquer tentativa iraquiana de envolver Israel na guerra acarretaria um preço para o país.